

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DOS NEVES: A LUTA PELO RESGATE ARQUEOLÓGICO E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL.

Faccio, N. B. (Universidade Estadual Paulista – UNESP);
Morais, J. L. (Universidade de São Paulo – USP);
Penin, A. (Arqueólogo IPHAN - 9^o SR);
Sesquim, A. (Técnico do IPHAN – 21^oSR);
Baco, H. M. (Universidade Estadual Paulista - UNESP);
Luz, J. A. R. (Universidade Estadual Paulista - UNESP)

Introdução

Este trabalho busca reconstituir a história do Sítio Arqueológico dos Neves, localizado no município de São Mateus (ES) e mostrar os primeiros resultados obtidos com a implementação de um Programa de Resgate no referido local, que teve por objetivo a obtenção de informações sobre a população indígena pretérita evidenciada na cultura material contida nos registros arqueológicos. A incorporação desse material à memória regional e nacional é extremamente valiosa, dadas às características evidenciadas no sítio e as lacunas existentes na memória histórica regional. Os trabalhos de campo, de restauração de urnas cerâmicas e curadoria do material arqueológico resgatado no Sítio Arqueológico dos Neves, foram realizados entre os dias 27 de agosto e 6 de setembro de 2006 – cumprindo, assim, a primeira etapa do Programa de Resgate, sobre o qual refletiremos.

O Sítio Arqueológico dos Neves situa-se numa área urbana da zona leste do município de São Mateus, litoral norte do Estado do Espírito Santo, no circuito da bacia do Rio Cricaré ou São Mateus, micro-bacias dos córregos do Chiado e Pedra D'Água, em uma ampla planície de areais, coordenadas UTM, E igual a 413778 e N igual a 7928805. Para a área desse Sítio, até o momento da realização desse trabalho, desconhecemos a existência de publicações de caráter científico. Contudo, existem inúmeras publicações com caráter de divulgação do achado nos jornais “A Tribuna do Cricaré” (São Mateus, ES) e “A Gazeta” (Vitória, ES). Além dessas publicações com caráter de divulgação, para a reconstituição da história do sítio, contamos com os recursos da história oral, bem como com a documentação oficial, utilizada no intuito de garantir o salvamento dos registros arqueológicos.

Ao ser evidenciado oficialmente, esse sítio encontrava-se em situação de alto risco e em avançado estado de degradação, em virtude da implantação, sobre a área, de um loteamento irregular. A abertura de buracos profundos para instalação das fundações das casas evidenciou grande quantidade de urnas funerárias em cerâmica, que foram assistematicamente retiradas, destruídas ou possivelmente vendidas. Dessa forma, os impactos são intensos, constantes e irreversíveis, sendo que o resgate parcial do material arqueológico em situação de risco foi considerado como uma das medidas de um plano de resgate que aborda a área do sítio como um todo.

O presente artigo constitui-se de uma síntese das ações realizadas até o presente momento dentro do referido Plano de Resgate. Ele está dividido em três partes, a saber: 1) documentário descritivo da história da descoberta do Sítio Arqueológico dos Neves; 2) breve caracterização da arqueologia regional e 3) algumas considerações sobre a primeira etapa do Programa de Resgate. Esclarecemos, também, que o Programa de Resgate em tela foi realizado por solicitação da 21^a. SR IPHAN – ES, a quem de antemão agradecemos.

Síntese documental da história da descoberta do Sítio Arqueológico dos Neves

Optamos, em primeiro lugar, por deixar que as reportagens, a história oral, e os documentos existentes contem a história do Sítio Arqueológico dos Neves. Uma história que mostra o esforço conjunto de um grupo de pessoas e instituições interessadas na preservação do Patrimônio Cultural de nosso país, apesar de todas as dificuldades para tal – inclusive a concorrência de dilapidadores. Apesar dessa história pouco dizer a respeito do modo de vida dos índios que

produziram a cerâmica da denominada Tradição Aratu, acreditamos que, apesar das inúmeras dificuldades, os esforços foram válidos e caminham para que esse sítio venha a ser útil no estudo da ocupação pretérita dessa região do país.

Esse memorial, baseado em notícias de imprensa e documentos recolhidos no campo, tem início no dia 5/7/2005, quando o Jornal Tribuna do Cricaré (São Mateus, ES), publicou a manchete sobre o sítio: “Comerciante Encontra Urnas Indígenas na Pedra D’Água”. Essa matéria informa que o comerciante Paulo Sérgio Neves

encontrou seis urnas funerárias indígenas quando fazia escavações para o alicerce de uma casa, em terreno às margens da estrada do Nativo, na Pedra D’Água, a menos de um quilômetro da Rodovia Othovarino Duarte Santos. A descoberta aconteceu entre quinta-feira e domingo. Três urnas em forma de pote estão quase inteiras e são mantidas guardadas na varanda da casa dele, anexa ao local. Uma tem cerca de 40 centímetros de altura por 30 de diâmetro, outra mede 45 cm por 40 cm de diâmetro. A maior tem 1.16 metro por 80 cm de diâmetro, com uma parte superior (tipo tampa) de 50 cm. “Achamos primeiro uma urna menor que continha os ossos de crânio. Quando fomos fazer a outra lateral do alicerce, numa distância de dois metros, encontramos a urna maior, onde estava a ossada completa de corpo com arcadas dentárias e uma pedra esculpida, parte de uma machadinha – relata Paulo Sérgio Neves. As outras três, quebradas, estão sendo ‘montadas’ [...] “Quando eu encontrei a urna maior, tive o maior cuidado. Retirei toda a areia ao redor e de dentro com a mão, evitando usar a enxada ou pá. (TRIBUNA DO CRICARÉ, SÃO MATEUS, ES, p.3, 5 jul. 2005).

No dia 6/7/2005, o Jornal A Gazeta (Vitória, ES), noticiou na página 8 do Caderno Cidade, a manchete: “Comerciante acha urnas funerárias indígenas no quintal de casa”. Essa notícia mostra a evidência de uma urna funerária de 1,5 metro de comprimento, com ossos humanos dentro. Segundo depoimento do Senhor Eliezer Ortolani Nardoto, curador do Museu Histórico de São Mateus, “esse foi o principal achado do município, que foi colonizado há mais de 470 anos.” (A GAZETA, VITÓRIA, ES, p. 8, 6 jul. 2006).

Nessa reportagem, o comerciante, Paulo Sérgio Neves, 38 anos, declarou que “cinco urnas já foram doadas para o Museu de São Mateus”, que no dia 5/7/2005 “recebeu muitas visitas de pessoas interessadas em ver os objetos” (A GAZETA, VITÓRIA, ES, p.8, 6 jul. 2005). Afirma ainda, a respeito dos visitantes, que: “um deles chegou a pedir para eu pegar o pote de volta porque ele queria comprar” (A GAZETA, VITÓRIA, ES, p. 8, 6 jul.2005).

Segundo o Jornal A Gazeta (VITÓRIA, ES, p. 8, 6 jul. 2005):

Paulo encontrou os potes cerâmicos quando preparava a fundação de uma pequena casa, nos fundos da própria residência. Era o pote maior, que, para ser retirado inteiro, foi necessário cavar um buraco com aproximadamente três metros de profundidade. Os vasos começaram a ser achados no último dia 30. (A GAZETA, VITÓRIA, ES, p. 8, 6 jul.2005).

Nessa ocasião, o curador do Museu Municipal de São Mateus, ES, declarou no Jornal A Gazeta (VITÓRIA, ES, p. 8, 6 jul. 2005):

[...] que contatará o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para notificar sobre o achado. Mas também queremos ajuda do Governo Federal, do Estado e até da Petrobrás para estudar essas peças. Não há mais dúvida que a região foi bastante povoada por índios, e isso precisa ser resgatado. (A GAZETA, VITÓRIA, ES, p. 8, 6 jul.2005).

De acordo com o mesmo jornal:

A maior urna funerária encontrada em São Mateus tem mais de 1,5 metros de altura e continha vários ossos diferentes, indicando que um corpo inteiro estava dentro do pote. Havia três camadas distintas de areia, envolvendo a ossada. Quando o pote foi aberto, houve uma pequena explosão, que assustou os moradores. Dentro do pote maior também havia um pedaço de uma machadinha e pedaços de madeira semelhantes a uma lança. Nas urnas menores, que estavam todas equidistantes uma das outras, havia apenas ossos do crânio. (A GAZETA, VITÓRIA, ES, p. 8, 6 jul.2005).

Em entrevista, o Sr. Eliezer Ortolani Nardoto, curador do Museu de História de São Mateus, ES, afirmou que:

no início do mês de julho de 2005, fez comunicado por telefone ao IPHAN a respeito da presença de urnas indígenas no terreno do Sr. Paulo Sérgio Neves, informando que o material retirado do sítio estava guardado no Museu Histórico de São Mateus e que orientou o proprietário do terreno a interromper a construção até que o IPHAN tomasse as providências necessárias. (SÃO MATEUS, ES, 28/08/2006).

No dia 7/7/2005, o Jornal Tribuna do Cricaré (São Mateus, ES), noticiou: “Técnicos do IPHAN Chegam Amanhã para Analisarem Fósseis”. Nessa ocasião Eliezer Ortolani Nardoto, afirmou:

[...] que ainda não mexeu nas três urnas que estão no Museu, aguardando a equipe do Instituto para as orientações necessárias [...] que duas urnas ainda estão sendo coladas por Paulo Sérgio e familiares. Elogiando o interesse do comerciante, que é colecionador de coisas antigas, ele afirmou que a técnica do IPHAN Letícia Pimentel, por telefone, comentou sobre a possibilidade de oferecer capacitação para os ceramistas da região interessados na restauração de peças, como as encontradas na Pedra D’Água. (TRIBUNA DO CRICARÉ, SÃO MATEUS, ES, p. 3, 7 jul. 2005).

Em 8/7/2005, técnicos do IPHAN (Tereza Carolina Frota de Abreu - Superintendente Regional do IPHAN; Letícia Von Krüger Pimentel - Chefe da Divisão Técnica do IPHAN; Gerson Dalfior Vidal - Chefe da Divisão Administrativa do IPHAN; Lorenza Cosme Gomes - estagiária de arquitetura do IPHAN -), o historiador do Museu de História de São Mateus (Eliezer Ortolani Nardoto), um arqueólogo (João Luis da Cunha Teixeira) e o proprietário do terreno (Paulo Sérgio Neves) estiveram na área do Sítio Arqueológico dos Neves.

Nessa ocasião, a 21ª Superintendência Regional do IPHAN encaminhou uma notificação extrajudicial para o Senhor Paulo Sérgio Neves, proprietário do lote 37 da Estrada do Nativo, localizado no Bairro Pedra D’Água, Município de São Mateus, Espírito Santo, onde está localizada parte do Sítio Arqueológico dos Neves. A referida notificação tratava da determinação de imediate paralisação de toda e qualquer atividade danosa ao Sítio Arqueológico dos Neves.

Segundo Eliezer Ortolani Nardoto:

Nesta data, os técnicos do IPHAN orientaram a comunidade sobre a proibição de venda ou destruição do patrimônio arqueológico e sobre um plano emergencial de salvamento do sítio. Os técnicos do IPHAN fizeram uma visita ao Museu Municipal de São Mateus e solicitaram que o museu fosse oficializado junto à prefeitura, a fim de torná-lo entidade jurídica e que fosse providenciado um espaço para receber o material arqueológico. Na ocasião, informei a eles que a prefeitura pretendia disponibilizar um espaço em um dos imóveis no Porto de São Mateus para a instalação do Museu de Arqueologia. (SÃO MATEUS, ES, 28/08/2006).

No dia 9/7/2005, o Jornal Tribuna do Cricaré publicou reportagem com a manchete: “Urnas indígenas ficarão em São Mateus”. Nessa matéria, Teresa Carolina Frota de Abreu (Superintendente Regional do IPHAN) informou que a municipalidade, como é o caso de São Mateus, pode solicitar a guarda das peças e que, para o IPHAN, segundo ela, seria interessante que os achados permaneçam no local de origem, adiantando que o Prefeito Lauriano Zancanela já estaria providenciando o pedido oficial. Nessa ocasião, ainda reconheceu-se o cuidado de Paulo Sérgio Neves no manuseio das peças, nomeando a ação de salvamento do local como Projeto Sítio dos Neves – São Mateus. O comerciante Paulo Sérgio Neves informou que forneceu aos técnicos do IPHAN a planta do terreno em que ocorreu o achado, “para ajudar nas pesquisas”. (TRIBUNA DO CRICARÉ, SÃO MATEUS, ES, p. 3, 9 jul. 2005).

Particularmente sobre a existência de um croqui (mapa) contendo localização das urnas já retiradas ou enterradas é importante relatar que em entrevista com Teresa Carolina Frota de Abreu (Superintendente Regional do IPHAN), a respeito do referido mapa, fomos informados que esse estaria sob os cuidados do Sr. Paulo Sérgio Neves (SÃO MATEUS, ES, 27/08/2006). Em entrevista realizada em campo com o Sr. Paulo Sérgio Neves, a respeito do mapa com a localização das urnas ele relatou que iria procurar, indo até a sua residência. Depois de ter procurado informou não ter encontrado o mesmo, mas que poderia mostrar os locais de onde as urnas foram retiradas, bem como onde estavam localizadas as outras urnas, ainda enterradas (SÃO MATEUS, ES, 27/08/2006).

No dia 12 de julho de 2005 o prefeito Municipal de São Mateus, ES, em ofício número 357/2005, comunicou, a pedido do historiador Eliezer Ortolani Nardoto, a 21ª Superintendência Regional do IPHAN da “ocorrência de mais um achado arqueológico, em terrenos situados nesse Município de São Mateus, Estado do Espírito Santo, às margens da Rodovia São Mateus x Nativo, em uma

área de expansão do Bairro Pedra D'Água”, solicitando autorização para que os objetos ora encontrados permanecessem sob a guarda do Museu de São Mateus, de responsabilidade da Prefeitura Municipal de São Mateus.

Quanto à solicitação por parte do prefeito municipal de São Mateus, a respeito da guarda do material arqueológico, Letícia Von Krüger Pimentel, arquiteta da 21^ª SR/IPHAN, informou, em memorando encaminhado a Polícia Federal, que:

[...] foi acordado, à época do ocorrido, que a guarda definitiva do material arqueológico pela Prefeitura estaria vinculada à institucionalização do Museu de Arqueologia e à estruturação de seu espaço definitivo no imóvel do Porto de São Mateus. O processo de montagem do Museu está em andamento e, por esse motivo, a guarda ainda não foi oficializada. (MEMORANDO nº08/2006/DIVTEC/21^ª/IPHAN).

Ainda no mês de julho de 2005, o arqueólogo Ms. João Luiz Cunha Teixeira, Diretor do Museu de Ciências do Espírito Santo (MUCES), protocolou no IPHAN solicitação de autorização de pesquisa para o “Salvamento Arqueológico do Sítio dos Neves – Loteamento Pedra D'Água – Estrada Pedra D'Água/Nativo – São Mateus (ES)”, a ser realizado em 93 dias, após permissão do IPHAN (Processo IPHAN nº 01450.009822/2005). Entre os objetivos do projeto em tela estavam:

1. Delimitar e mapear o sítio arqueológico (concentração cerâmica);
- 2) Realizar escavações com o objetivo de resgatar (recuperar) amostra significativa da cultura material ainda existente, bem como restos orgânicos e inorgânicos que possibilitem o estabelecimento de cronologias para o contexto arqueológico;
- 3) estabelecer por meio de 1) e 2), o tamanho, densidade, função. Padrão de sepultamento e duração da ocupação do sítio arqueológico;
- 4) obter por meio de 2), amostras de sedimento para análises pedológicas e paleoecológicas;
- 5) Mapear, resgatar e salvaguardar a partir de 1, 2, 3 e 4 estruturas arqueológicas ainda existentes no sítio. (TEIXEIRA, 2005, p. 9).

O projeto de pesquisa de salvamento arqueológico do Sítio dos Neves, em tela, apresentava endosso financeiro do IPHAN e informações referentes à guarda do material proveniente das pesquisas na área do sítio:

[...] é também objetivo, que após a interpretação do material resgatado o mesmo fique armazenado na reserva técnica do Museu de Ciências do Espírito Santo, para que seja utilizado como fins didáticos. (TEIXEIRA, 2005, p.16).

Segundo Teixeira (2005):

Enquanto o material resgatado estiver sendo analisado, a sua guarda provisória deverá ser feita na reserva técnica do recém criado Museu de Ciências do Espírito Santo – MUCES – (em fase de implantação). Com sede na localidade de Barra Seca, Município de Linhares – ES. (TEIXEIRA, 2005, p. 29).

Em 6/8/2005, o Jornal A Gazeta, de Vitória, publicou matéria com a manchete: “Polícia Federal Mapeia Sítio Histórico em São Mateus – Alerta: de Acordo Com os Policiais Federais, É Crime Vender Peças Encontradas em Sítios Históricos”. Nessa reportagem, encontramos o seguinte relato:

Os policiais da Delegacia de Repressão a Crimes contra o Meio Ambiente e Patrimônio Histórico estiveram na casa do comerciante Paulo Sérgio, no bairro Pedra D'Água, onde foram encontradas várias urnas com ossadas, indicando que o local já foi um cemitério indígena. De acordo com o agente Samoel MacDowell, a PF pretende intensificar as investigações no município que vem apresentando vários relatos de achados arqueológicos. Tivemos informações de que já ofereceram dinheiro ao senhor Paulo Sérgio pelas peças achadas. Este material pertence à União e vendê-lo é crime [...] Só no quintal do comerciante já foram achadas 13 peças, algumas com ossos dentro. A maioria já está em exposição no Museu Municipal. (A GAZETA, VITÓRIA, ES, 6 ago. 2005).

Enquanto tramitava o projeto de Salvamento na 21ª. SR IPHAN – ES, a dilapidação do patrimônio arqueológico era denunciada em São Mateus. No dia 30/11/2005, o Jornal Tribuna do Cricaré (São Mateus, ES) publica a manchete: “Descobridor denuncia furto em sítio arqueológico na Pedra D’Água”. Nessa reportagem, Paulo Sérgio Neves

[...] denuncia que pessoas estão furtando peças de valor histórico para serem vendidas a visitantes. Eles usam recortes de jornais para legitimar a peça. São feitas molduras dos recortes que acompanham estruturas de vidro com um pedaço do achado indígena – relatou. Segundo ele, o sítio arqueológico continua sem segurança e iluminação adequada. A energia que ilumina todo o local onde estão as urnas quem paga sou eu. Também coloquei cercas novas para proteger os achados e, com esta chuva que não passa, tive que comprar umas lonas para colocar em cima. Já comuniquei a situação ao Eliezer (Eliezer Ortolani Nardoto, curador do Museu de São Mateus), à Prefeitura e ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e nada foi feito – afirma. Paulo disse que em outubro flagrou um rapaz tentando furto uma urna do subsolo. Anotei a placa e a cor do veículo e enviei a informação para a Delegacia de Patrimônio Histórico da Polícia Federal, em Vitória. Eles falaram que investigariam, mas até agora não tive resposta – comentou. (TRIBUNA DO CRICARÉ, SÃO MATEUS, ES, 30 nov. 2005).

Nessa ocasião Herineia Lima, secretária da cultura do Município de São Mateus, informou que, em telefonema a Robson Perim - assessor de comunicação da polícia federal teve a informação de que foram constatados os furtos, mas que o IPHAN deve formalizar a denúncia à PF, que iniciará a investigação (Jornal Tribuna do Cricaré, São Mateus, ES, 30/11/2005).

No dia 17/3/2006, o Jornal Tribuna do Cricaré (Vitória, ES) publica a seguinte manchete: “Sítio Arqueológico está no abandono em São Mateus”. Essa reportagem faz o seguinte relato:

O descobridor do Cemitério Arqueológico do bairro Pedra D’Água, em São Mateus, o comerciante Paulo Sérgio Neves, 39 anos, denuncia o abandono do local por parte da prefeitura e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Segundo ele, as urnas indígenas que ainda estão enterradas no quintal de sua casa foram alvos de vândalos na noite de quarta-feira. Uma das urnas foi quebrada e a proteção colocada na área foi retirada. Tem gente que rouba pedaços das urnas para vender aos visitantes, mostrando recortes de matérias da época para comprovar, disse o comerciante. A secretária Municipal de Cultura, Herineia Lima, informou que por ser achado arqueológico, é de competência da União cuidar do local. A prefeitura só tem o direito de comprar arame farpado para cercar a área e manter as urnas que foram retiradas no museu da cidade, explicou. (A TRIBUNA DO CRICARÉ, SÃO MATEUS, ES, 17 mar. 2006).

Em 5/4/2006, a Câmara Municipal de São Mateus, ES, aprovou o Projeto de Lei nº 528/2006 para desapropriação da área do Sítio Arqueológico dos Neves (terreno onde foram encontradas as urnas e não a área total do sítio) (Processo nº 245121).

Em 26/5/2006 o Delegado de Polícia Federal de São Mateus, Dr. Hermógenes de Freitas Leitão Neto, solicita, por meio do ofício nº 5079/2006-DPF/ES, da Dirigente da 21ª Superintendência Regional do IPHAN do ES, informações sobre o Sítio Arqueológico dos Neves, em especial se tal local seria objeto de proteção do renomado Instituto e pedindo informações a respeito da data inicial de eventual tutela, com a finalidade de instruir o Inquérito Policial nº 84/2006 – DPF/SMT/ES. Em ofício datado de 4/7/2006 a arquiteta da 21ª-SR/IPHAN, Leticia Von Küguer Pimentel, encaminha à Delegacia da Polícia Federal em São Mateus o documento contendo as informações solicitadas para subsidiar o Inquérito Policial nº 84/2006-DPF/SMT/ES.

Em 18/7/2006, o Jornal Tribuna do Cricaré (São Mateus, ES) noticiou a manchete: “Encontrada mais uma urna indígena na Pedra D’Água”. Segundo o comerciante Paulo Sérgio Neves a urna foi encontrada há aproximadamente 150 metros do local dos primeiros achados (pelo menos 15 urnas), durante as escavações de uma fossa residencial. A urna mede 1,10 metro de altura, 80 centímetros de boca, maior diâmetro de 2,40 metros. O comerciante afirmou que :

Entre as urnas achadas no ano passado (6 foram desenterradas e levadas para o museu de São Mateus e nove teriam permanecido no local, segundo Paulo) somente uma tem a mesma característica da encontrada sábado. (TRIBUNA DO CRICARÉ, SÃO MATEUS, ES, p. 3, 18 jul. 2006).

Do exposto, verifica-se que conhecemos muito pouco a respeito do Sítio Arqueológico dos Neves, tendo em vista o grande potencial do sítio em oferecer informações sobre a cultura pertencente ao grupo indígena que ocupou a área em tempos pretéritos.

As informações coligidas nesse histórico mostram um número crescente de urnas funerárias e outros materiais sendo paulatinamente evidenciados no Sítio Arqueológico dos Neves. No **quadro 1**, apresentamos o número de materiais informados em cada data para o Sítio dos Neves.

Quadro 1: Materiais Informados Para o Sítio Arqueológico dos Neves, São Mateus, ES

| 5/7/2005 Fonte: Jornal Tribuna Cricaré (São Mateus, ES) | 6/7/2005 Fonte: Jornal A Gazeta (Vitória, ES) | 6/8/2005 Fonte: Jornal Tribuna Cricaré (São Mateus, ES) | 18/7/2006 Fonte: Jornal Tribuna Cricaré (São Mateus, ES) |
|--|--|---|--|
| - 6 urnas - 1 tampa de urna - 1 lâmina de machado fragmentada - pedaços de madeira - ossos | - 13 urnas - ossos | -13 urnas - ossos | -15 urnas (6 doadas ao Museu e 9 permanecem enterradas) |

Constituem o material resgatado do sítio, ou localizado para resgate, pelo menos 15 urnas, uma tampa, uma lâmina de machado polida, pedaços de madeira e ossos.

Ainda segundo as fontes ora apresentadas neste histórico, das 15 urnas resgatadas ou evidenciadas, cinco foram doadas para o Museu Histórico de São Mateus (TRIBUNA DO CRICARÉ, 6 jul. 2005), outras duas que estavam sendo coladas por Paulo Sérgio Neves foram doadas também para o museu em 30/08/2006.

O último achado no Sítio Arqueológico dos Neves ocorreu em julho de 2006. Trata-se de uma grande urna funerária, também doada ao Museu Histórico de São Mateus, ES. Dessa forma, o Sr. Paulo Sérgio Neves doou para o Museu Histórico de São Mateus seis urnas inteiras ou parcialmente inteiras e duas urnas fragmentadas, ou seja, um total de oito urnas.

Do exposto, supunha-se que pelo menos sete urnas, ainda estavam na área do sítio, no lote atualmente desapropriado, aguardando as ações do plano de salvamento arqueológico do Sítio Arqueológico dos Neves (São Mateus/ES). Sobre o projeto de salvamento que tramitava desde 2005 na 21ª. SR IPHAN – ES, este sofreu cancelamento devido a irregularidades na empresa responsável (Processo IPHAN no. 01450.009822/2005-33). A partir desse impasse, uma equipe

das Universidades de São Paulo (USP) e Estadual Paulista (UNESP) foi convidada pelo IPHAN para executar uma ação emergencial e resgate no Sítio Arqueológico dos Neves.

Breve Caracterização da Arqueologia Regional

Uma primeira tarefa da equipe da USP/UNESP foi proceder ao levantamento bibliográfico acerca da Arqueologia Regional. Até o momento, poucas pesquisas arqueológicas de caráter sistemático foram desenvolvidas na região em estudo. Para o entorno do Sítio dos Neves podemos citar a realização de uma etapa de prospecção (PETROBRÁS/AMBIENTAL NORTE, 2000). Ainda que, dispondo de poucos dados, é possível conhecer, mesmo que em parte, o Sistema Regional de Ocupação da área. Pode-se reconhecer para a área, de estudo, ocupações de grupos caçadores-coletores, de grupos ceramistas e da sociedade nacional.

Segundo Perota (1968,1969) os sítios ocupados por grupos caçadores-coletores do período pré-cerâmico do Espírito Santo datam de 4.500 anos AP a 510 a.D e os sítios relacionados a ocupações de grupos ceramistas datam de 810 a 895 a.D.. Já os sítios relacionados aos ciclos regionais de ocupação da sociedade nacional datam do século XVI. Ainda Segundo Perota (1968/1969: 129) os sítios cerâmicos do Espírito Santo são classificados nas Tradições: **Tupiguarani, Aratu ou Una.**

□ **Tradição Tupiguarani.** Formado por comunidades sedentárias. Os índios tupi-guarani, provavelmente são originários da Amazônia Ocidental. Os sistemas regionais de agricultores do Estado do Espírito Santo foram desmantelados pelas várias frentes de invasão ibérica, a partir do século XVI.

Desde a década de 1950 a cerâmica é vista como elemento diagnóstico da **Tradição Tupiguarani** (MENGHIN, EMPERAIRE, MEGGERS e EVANS). Aldeias de grupos portadores da cerâmica da Tradição Tupiguarani ocorreram intensivamente ao longo do Baixo Rio São Mateus e menos intensamente ao longo dos demais Rios do Estado do Espírito Santo, como é visto em Nimuendaju (1981), Gabriel Soares de Souza 1540-1591 (1851, 1938), Men de Sá (1560), Paraíso (1998).

A Tradição Tupiguarani é atribuída a tribos indígenas guarani ou tupi, devido a correlação que se faz com grupos históricos, embora saibamos que quando essa tradição foi criada ela não assegurou correspondência étnica com tribos indígenas guarani ou tupi (MORAIS, 1999).

No Estado de São Paulo Morais (1999) foi o primeiro a relacionar a cerâmica da Tradição Tupiguarani aos índios guarani. Já para os tupinambá da costa do Brasil o responsável por essa associação é Brochado (1977, 1980, 1984, 1991).

A cerâmica é caracterizada pela presença de uma decoração policrômica com traços ou faixas retos ou curvos em preto ou vermelho, aplicados com pincel ou com o dedo, sobre fundo engobado branco ou creme. Os pontos associados às linhas curvas em preto ou vermelho sobre engobo branco também são comuns. O antiplástico utilizado por excelência é o mineral associado ao caco moído, sendo esse último elemento identificador da Tradição Tupiguarani e aflora na parede das vasilhas. O carvão como antiplástico foi identificado em poucos sítios e em pequena porcentagem, estando presente na área do baixo e médio paranapanema, no Estado de São Paulo. No Estado do Paraná sua ocorrência é baixa.

A forma dos sítios da Tradição Tupiguarani varia e na maior parte dos casos a área investigada não corresponde à área total do sítio. As aldeias apresentam área entre 5 e 10.000 metros quadrados, onde são identificados anéis concêntrico em semi-círculo, elipse ou sem ordem aparente (PROUS, 1992).

Os estudos sobre a Tradição Tupiguarani têm mostrado que enquanto os índios guarani percorreram e ocuparam áreas do interior da América do Sul, mais a oeste (FACCIO, 1992; 1998; MORAIS, 1999), os índios tupinambá ocuparam uma área mais ao leste da América do Sul (LATRAP, 1970; BROCHADO, 1977, 1979, 1980, 1989). A leste, no Estado do Espírito Santo, tem-se conhecimento da presença de pelo menos 300 sítios desta tradição (TEIXEIRA, 2002, p.5). Segundo Perota (PRONAPA, 1969,1970, p. 131-132), no Estado do Espírito Santo a **Tradição Tupiguarani (Subtradição Pintada)** está presente em duas fases:

a) **Fase Tucum.** A Fase Tucum é caracterizada por sítios habitações em terrenos arenosos, próximos ao mangue, com refugo de até 45 cm de profundidade, sendo que os primeiros 10 cm a partir da superfície estéril. A cerâmica acordelada possui como antiplástico o mineral (quartzo) associado ao caco moído e os tipos simples, pintado, corrugado, ungulado, escovado, pinçado,

entalhado e ponteadado. Entre as formas das vasilhas predominam as tigelas, as bacias com bordas arredondadas e inclinadas para fora, peças retangulares e elípticas, com bases arredondadas ou cônicas. Nessa fase predomina, entre as peças decoradas, a pintura. A decoração plástica está presente em aproximadamente 2% do total da área da peça, sendo um entalhe na borda dos vasos o mais freqüente. Registra-se a presença de batedores, machados polidos e lascas em quartzo. Para essa fase tem-se a datação de 1390 a.D., portando os sítios dessa fase cerâmica são os mais recentes e em alguns casos apresentam material de contato.

b) **Fase Cricaré.** A Fase Cricaré é caracterizada por sítios habitações, localizados por todo litoral e interior do Espírito Santo, próximos a afluentes de rios (de 100 a 1.500 metros a margens dos rios). A cerâmica simples é pouco representativa na parte inferior, aumentando gradativamente até predominar na parte superior. O tipo simples aparece com tempero grosso e fino. O tipo pintado aparece em grande quantidade na parte inferior da seqüência, diminuindo no final.

Entre os tipos decorados plásticos o corrugado e o serrungulado são os mais representativos, mas verifica-se também a presença dos tipos corrugado-ungulado, inciso, escovado, ponteadado, entalhado. A cerâmica apresenta antiplástico mineral (quartzo, feldspato e mais raramente a mica). Nessa fase são comuns as seguintes formas: tigelas, pratos, grelhas, urnas carenadas e peças de boca irregular. O lítico está representado nessa fase por aguçadores e lascas de quartzo. Para fase Cricaré tem-se a datação de 895 a.D.

No Município de São Mateus um projeto de prospecção arqueológica identificou dezenas de sítios da Tradição Tupiguarani no entorno do Sítio Arqueológico dos Neves, distantes deste até 3 quilômetros em média (PETROBRÁS/AMBIENTAL NORTE 2000).

□ **Tradição Aratu.** Esta Tradição está presente na Região norte de São Paulo, sul de Minas, Goiás e Espírito Santo.

Na Região norte de São Paulo podemos citar o Sítio Arqueológico Água Limpa, datado por termoluminescência de 426 + ou - 152 d. C. (ALVES e MACHADO, 1995).

Segundo Wust (2000), as aldeias da Tradição Aratu, podiam alcançar mais de 400 metros de diâmetro, ter dois a três anéis concêntricos e abrigar mais de dois mil indivíduos.

A cerâmica da **Tradição Aratu** no Estado do Espírito Santo, segundo Perota (1969, 1970, p. 133-136) pode ser classificada em duas fases:

a) **Fase Jacareipe** é caracterizada por sítios habitação localizados no entorno de áreas alagadas ou de mangue e por uma cerâmica com antiplástico do tipo mineral (quartzo e/ou hematita) e caco moído. Esta cerâmica apresenta os tipos simples com tempero grosso ou fino, corrugado, corrugado-ungulado, ponteadado, unguado e roletado. As vasilhas dessa fase têm a forma de tigela, recipientes globulares e cônicos, todas de pequenas dimensões, com bases arredondadas ou cônicas. Nessa fase verifica-se a ausência das grandes urnas funerárias piriformes, do uso da grafita como antiplástico e como elemento do tratamento de superfície e decoração. As pedras lascadas estão representadas por núcleos de calcedônia, lascas de quartzo e calcedônia com sinal de uso. As datações para esta fase são de 838 e 1183 a. D.

b) **Fase Itaúnas** compreende sítios localizados na faixa litorânea em abrigo sob rocha ou a céu aberto, próximo das margens dos rios (de 50 a 100 metros das margens). A estratigrafia é formada por conchas, ossos de peixe e de animais misturados a grande quantidade de terra. A cerâmica apresenta o antiplástico mineral (quartzo) de forma predominante. A cerâmica dessa fase apresenta dois tipos simples (simples tempero grosso e simples tempero fino) e doze decorados (vermelho, pintado, corrugado simples, corrugado unguado, polido estriado, grafitado, roletado, unguado, inciso, ponteadado, escovado, e entalhado). A decoração pintada é intrusiva nesta fase. Os antiplásticos hematita, grafita e concha moída aparecem nesta fase. Contudo, a grafita, enquanto antiplástico, é elemento diagnóstico desta fase. As peças têm espessuras que variam entre 0,4 e 1,8 centímetros. As vasilhas desta fase são constituídas por grandes urnas piriformes (elemento diagnóstico), peças de bojo arredondado, peças arredondadas de boca constrita, peças com bordas onduladas, tigelas rasas e fundas, peças de corpo globular com gargalo reto, esféricas de contorno simples e meia calota. Além das vasilhas nota-se a presença de rodela de fuso e de cachimbos tubulares, cilindros de argila sem uso, asas e fragmentos de taipa. As pedras lascadas são representadas por batedores, machados polidos e lascas de quartzo. As datações para esta fase são de 1730 a. D. e 1780 a. D..

c) **Fase Guarabu.** Segundo Perota (1968, 1969, p. 152), a Fase Guarabu é caracterizada por sítios habitações implantados em elevações acentuadas, não muito próximos dos rios. Nesta fase a cerâmica apresenta os tipos simples com tempero grosso, simples com tempero fino e vermelho. Algumas peças do tipo simples apresentaram o revestimento de argila muito fina. Em alguns casos esta camada de argila chega a ter 0,2 cm de espessura. O antiplástico utilizado na pasta foi o mineral (quartzo) e o caco moído. A cerâmica desta fase apresenta forma piriforme com bordas inclinadas para dentro, além de formas cambadas e arredondadas.

□ **Tradição Una.** A Tradição Una no sul do Estado do Espírito Santo, segundo Perota (1969,1970, p. 134-135), está representada pela **Fase Tangui.** Sítios classificados nesta fase são comuns em abrigos sob rocha e mais raramente em habitação de tipo aberto, em área de topografia acidentada. Apresentam pouca densidade de material cerâmico. Os sítios de tipo aberto têm formato circular com diâmetro de 250 metros e refugio com profundidade de 90 centímetros.

A cerâmica acordelada apresenta antiplástico mineral (quartzo, hematita e mica) e os tipos simples polidos, estriado e vermelho. As vasilhas apresentam as formas globulares ou de tigelas rasas ou fundas com contorno direto. São comuns os enterramentos. A indústria óssea apresenta pontas de projétil e outras peças com marcas de uso. Os líticos compreendem batedores, quebra-cocos, lascas de quartzo e raspadores em calcedônia. A datação para esta fase é de 810 a. D. Segundo Perota (1968,1969, p. 156):

A cerâmica da fase Cricaré, pertencente à tradição Tupiguarani (subtradição Pintada), tem ligações com as fases: Curimataú, do Rio Grande do Norte (NASSER, 1967, p. 123); Itapecuru, da Bahia (CALDERON, 1969, p. 147); Guaratiba, do Rio de Janeiro (DIAS JR, 1967, p. 94). A correlação que há entre estas fases é facilmente identificável pela morfologia do vasilhame, pois é muito comum nelas a presença de peças com boca irregular e com a face interna pintada de vermelho sobre branco ou vermelho e preto sobre branco. A fase Guarabu, pertencente à tradição Aratu, identifica-se com a fase Aratu estudada no estado da Bahia (CALDERON, 1969, p. 163). Na fase Itaúnas, da tradição Aratu, em sua seqüência cronológica encontra-se o sítio ES-VI-4, que segundo dados históricos, é o aldeamento de Nova Almeida, habitado a partir de 1610, quando da fundação do antigo convento jesuítico da localidade. O único vestígio europeu que encontramos no sítio foi um raspador com escotadura, confeccionado em um caco de vidro. (PEROTA, PRONAPA,1968, 1969, p. 156).

Os arqueólogos aos poucos obtêm os conhecimentos necessários à compreensão das variabilidades espaço-temporal, dos elementos caracterizadores de cada tradição cerâmica, de cada grupo indígena nas diversas regiões do país. Mas, esse é um trabalho demorado que exige um número maior de grupos de pesquisadores atuando de forma sistemática.

A compreensão das tradições ceramistas e por conseqüência dos homens e mulheres que as produziram no passado é essencial para que possamos compreender as alteridades físicas e culturais presentes quando da chegada dos colonizadores em nosso país, bem como a atual diversidade física e cultural.

Considerações sobre os primeiros resultados da etapa já realizada do Programa de Resgate no Sítio Arqueológico dos Neves

Sobre os resultados preliminares desse Programa, é importante ressaltar que as intervenções não sistemáticas ocorridas anteriormente na área careceram das técnicas necessárias para o resgate de informações e preservação do material arqueológico, acarretando a perda de informações importantes para a compreensão do contexto da ocupação, tais como localização das urnas, conteúdo presente em cada uma das urnas, fragmentação de peças, preservação das peças etc. Durante o desenvolvimento da primeira etapa do plano de trabalho do Programa de Resgate elaborado pela equipe USP/UNESP foram resgatadas três urnas inteiras com tampa e duas fragmentadas, além de fragmentos de vasos cerâmicos, pesos de rede, material malacológico, pedras lascadas e polidas que estavam distribuídos de forma esparsa pela área trabalhada do sítio.

Concomitante ao trabalho de escavação, também foi realizada uma prospecção, no objetivo de delimitar a área do Sítio dos Neves. Para isso, foi necessária a colaboração dos moradores locais, que permitiram a entrada da equipe de arqueologia em seus quintais. A recepção dos moradores

locais, no momento da prospecção, mostrou o interesse e respeito dos mesmos pelo trabalho de salvamento arqueológico.

Apesar do estudo do material resgatado no Sítio dos Neves, em São Mateus, ter apenas se iniciado, pode-se constatar que a cerâmica encontrada apresenta características singulares. Isso porque, embora classificada na Tradição Aratu, devido a morfologia das peças, apresenta motivos plásticos, ainda que em pequena quantidade característicos da cerâmica da Tradição Tupiguarani, como o corrugado, ungulado, entalhado, inciso, digitado e roletado. Diante da presença dessa decoração plástica (Tradição Tupiguarani) em um sítio da Tradição Aratu, pode-se aventar a hipótese de que o grupo indígena que, no passado, habitou o Sítio Arqueológico dos Neves (índios do tronco lingüístico jê), manteve contato com grupo indígena de outra etnia (do tronco lingüístico tupi).

Uma análise segura deve ser feita quando da análise dos dados em laboratório (análise da cerâmica, do lítico, dos ossos etc.) e dos contextos espaciais já evidenciados no sítio. Contudo, enquanto essas etapas do trabalho não forem desenvolvidas, podemos fazer algumas considerações preliminares.

É possível a contemporaneidade entre os grupos indígenas que confeccionaram as cerâmicas das denominadas Tradições Aratu e Tupiguarani, haja vista que a bibliografia coloca essa contemporaneidade em contextos ambientais diferentes do estado do Espírito Santo (CARVALHO, V. & PANACHUK, 2005; CALDERON, 1967, 1968, 19689, 1974; PEROTA, 1968, 1969, 1974).

Até o momento podemos atestar a presença de um cemitério Aratu com urnas piriformes, ovóides e globulares de contorno direto e muito raramente infletido. Predominam os lábios arredondados. Não verificamos a presença de miniaturas, de pratos ou assadores entre as vasilhas evidenciadas no sítio. Contudo, esses materiais ainda podem ser evidenciados nas áreas ainda não estudadas do sítio.

Apesar da análise dos atributos tecnológicos não terem sido objeto dessa etapa da pesquisa pode-se perceber o uso da técnica de manufatura acordelada, queima incompleta, uso de argila com conteúdo de carbono e antiplástico mineral (FACCIO, 1998).

Quanto às características decorativas, verificou-se a presença, em pequena quantidade do corrugado, inciso, digitado e roletado na cerâmica do Sítio Arqueológico dos Neves. A decoração ocorreu somente nas bordas dos vasos, nunca na peça inteira. O material cerâmico em sua maioria é do tipo liso e apresenta bom alisamento em ambas as faces.

Verificamos, também, dois tipos de aplique nas paredes das vasilhas do sítio. Um em forma de mamilo, presente na parede externa de urnas piriformes ou globulares de contorno direto. Outro, em forma de “V”, presente na face interna de vasilhas usadas como tampas de urnas, apresentando forma cônica e contorno direto. Não foi possível precisar a função desses apliques. Chegamos a levantar a hipótese de que o mamilo em uma das faces da urna teria como função servir de suporte para a tampa, ou seja, o aplique em “V” da tampa se encaixaria no mamilo da urna. Descartamos essa hipótese ao verificarmos que alguns mamilos são tão tênues que não teriam como ser encaixados no “V” da tampa.

Outro ponto que gostaríamos de registrar é o fato de que a tampa da vasilha fragmentada sobre a urna, por vezes, dá a impressão de que seriam apenas fragmentos cobrindo a urna. Contudo, pelo histórico da escavação das urnas e análise da disposição dos fragmentos, inclusive de borda contornando a urna, não fica dúvida de que se tratava de tampa e não de fragmentos sobre a urna. Pelo fato da tampa geralmente ser uma vasilha cônica, quando essa se quebra, a análise da disposição dos fragmentos pode levar à interpretação equivocada de que seriam fragmentos sobre a urna, quando na verdade trata-se de uma tampa quebrada. Isso pode ocorrer principalmente quando os vestígios já foram remexidos.

As peças inteiras ou fragmentadas do Sítio Arqueológico dos Neves, até o momento conhecidas, foram evidenciadas em contexto funerário, mas possivelmente tiveram outras funções como a de conter água, no caso das peças de contorno inflectido, ou de conter alimentos, em se tratando das peças de contorno direto (SCIENTIA, 2005).

As condições de trabalho na área do sítio foram boas, pois de modo geral sentimos apoio da população local e respeito pelo trabalho que estava sendo desenvolvido. Esse foi um fator importante para o bom desenvolvimento das pesquisas, tendo em vista o fato de estarmos trabalhando nos quintais dos moradores do bairro.

Para as próximas etapas do plano emergencial de salvamento do Sítio dos Neves, é importante que a comunidade local continue a colaborar, avisando o IPHAN ou ao Museu Histórico de São

Mateus, sempre que for encontrado algum vestígio arqueológico. Para isso é necessária a implantação na área de um Projeto de Educação Patrimonial.

A história de São Mateus é conhecida por meio de documentos textuais esparsos e por tradição oral (SÁ, 1975; SAINT-HILAIRE, 1974). Contudo, essa é a história de poucos. Essa pesquisa deve contribuir para o conhecimento de aspectos da História local e da Arqueologia Regional, bem como para a preservação e promoção do patrimônio arqueológico local, num país tão vasto e rico em patrimônio histórico e cultural.

Bibliografia

- BROCHADO, J. P. **Desarrollo de la tradición Tupiguarani AD 500-1.800**. Porto Alegre, UFRS. Departamento de Ciências Sociais, Gabinete de Arqueologia, Publicação 3, 1973.
- _____. Alimentação na Floresta Tropical. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.
- _____. What did the Tupinambá cook in their vessels? (manuscrito), 1979.
- _____. A Tradição cerâmica tupiguarani na América do Sul. CLIO, N° III, UFP, 47-60, 1980.
- _____. A tradição cerâmica Tupiguarani. Síntese da Arqueologia. Publicação em memória do Dr. José Loureiro Fernandes. UFPR, Curitiba, 1984a.
- _____. An ecological model for spread of pottery and agriculture into eastern South America. University of Illinois, tese de Doutorado, Chicago, 1984b.
- _____. A expansão dos tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. Dédalo, n° 27, 65-82, Universidade de São Paulo, 1989.
- _____. What did the Tupinambá cook in their vessels? An Humble contribution to the ethnographic analogy. Revista de Arqueologia. V. 6, p. 41-90, 1991.
- CARVALHO, V. & PANACHUK. **Tradição Aratu-Sapucaí ou Tupiguarani? Uma difícil escolha de classificação para o material cerâmico do Sítio Rio Preto Oeste-1**. Comunicação apresentada no XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), 2005.
- CALDERON, Valentin. "Notícia preliminar sobre as seqüências arqueológicas do médio São Francisco e da Chapada Diamantina, Estado da Bahia". In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**. Resultados preliminares do primeiro ano. 1965-66. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi, Belém, 6:107-120. il. 1967.
- _____. "Nota prévia sobre a arqueologia das regiões central e sudoeste do Estado da Bahia". In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**. Resultados preliminares do segundo ano. 1966-67. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi, Belém, 10:135-46. il. 1969a.
- _____. "A fase Aratu no Recôncavo e litoral norte do Estado da Bahia". In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**. Resultados preliminares do terceiro ano. 1967-68. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi, Belém, 13:161-68. il. 1969b.
- _____. "Breve Notícia Sobre a Arqueologia de Duas Regiões do Estado da Bahia". In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**. Resultados preliminares do quarto ano. 1968-69. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi, Belém, 15:163-77. il. 1969.
- _____. "Contribuição Para o Conhecimento da Arqueologia do Recôncavo e do Sul do Estado da Bahia". In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**. Resultados preliminares do quarto ano. 1969-70. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi, Belém, 26:141-164. il. 1970.
- FACCIO, N. B. **Arqueologia do Cenário das Ocupações Horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema, SP**, Tese de Doutorado. FFCL da USP, São Paulo. 1998.
- _____. **O Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema**. Dissertação de Mestrado, FFCL da USP, São Paulo. 1992
- Jornal Tribuna do Cricaré**. Comerciante encontra urnas indígenas na Pedra D'Água. São Mateus, ES, p.3, 5 de julho de 2005.
- _____. Técnicos do IPHAN chegam amanhã para analisarem fósseis. São Mateus, ES, p.3, 7 de julho de 2007.
- _____. São Mateus Ganhará Museu Arqueológico. São Mateus, ES, 6 de agosto de 2005.
- _____. Descobridor denuncia furto em Sítio Arqueológico na Pedra D'Água. São Mateus, ES, 30 de novembro de 2005.
- _____. Encontrada mais uma urna indígena na Pedra D'Água. São Mateus, ES. P.3, 18 de julho de 2006.
- Jornal A Gazeta de Vitória**. Comerciante acha urnas funerárias indígenas no quintal de casa. Vitória, ES, p.8, 6 de julho de 2005.
- _____. Polícia Federal mapeia sítio Histórico e São Mateus. Vitória, ES, 6 de agosto de 2005.
- LATHRAP, D. The Upper Amazon. London: Thames & Hudson, 1970.
- PEROTA. Resultados preliminares sobre a arqueologia da região central do estado do Espírito Santo.
- MEGGERS & EVANS. **Como interpretar a linguagem da cerâmica**. Manual para arqueólogos. 1970:1-101.
- MORAIS, J.L. **Perspectivas geoambientais da Arqueologia do Paranapanema paulista**. Tese de Livre-Docência. São Paulo, USP. 1999.
- NIMUENDAJU, Curt. Mapa Etno-Histórico. IBGE, Rio de Janeiro, 1981.
- PARÁISO, M.H.B. O tempo da dor e do trabalho: a conquista do território indígenas nos sertões do leste. **Tese de Doutorado**, São Paulo, USP, 1998.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**, 1992

PEROTA. Resultados preliminares sobre a arqueologia da região central do estado do Espírito Santo.

PETROBRÁS & AMBIENTAL NORTE. Levantamento arqueológico na área do programa de 'levantamento sísmico 3D - norte do Campo de Fazenda Alegre' – (3D – Norte FAL), Apresentado à PETROBRÁS – E & P - ES. Relatório Final, Ambiental Norte Ltda./ Petrobrás UM-ES, 1999.

PETROBRÁS & AMBIENTAL NORTE. Levantamento arqueológico na área do programa de 'levantamento sísmico 3D Norte Extensão ES', Apresentado à PETROBRÁS – E & P - ES. Relatório Final, Ambiental Norte Ltda./ Petrobrás UM-ES, 2001.

PRONAPA, Resultados Preliminares do 5º ano, 1969-1970, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, nº 26. 1969/70:127-140.

_____. Dados parciais sobre a arqueologia norte espírito-santense. **PRONAPA, Resultados Preliminares do 4º ano, 1968-1969**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, Publicações Avulsas, nº 15, 1971:149-162.

Processo IPHAN nº 01450.009822/2005-33.

SAINT-HILAIRE, Auguste de **Viagem ao Espírito Santo e ao Rio Doce**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.

SÁ, MEN de. Carta enviada ao Rei em 1560. In: SILVIA CAMPOS: Crônica da Capitânia de São Paulo Jorge dos Ilhéus. Imprensa Vitória, Salvador, p. 59-60, 1947. In TEIXEIRA, J. T. de – História do Estado do Espírito Santo. Fundação Cultural do Espírito Santo, Vitória, 1975.

SCIENTIA. **Relatório Final: Salvamento Arqueológico do Sítio Arqueológico RPO-1**, São Mateus ES, 2005.

SOUZA, Gabriel S. de. Tratado descritivo do Brasil in 1587. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, 141-423. Rio de Janeiro, 1851.

_____. Tratado descritivo do Brasil em 1587. São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1938.

TEIXEIRA, João L. da Cunha. **A malha paralela no levantamento arqueológico regional: um estudo de caso na planície litorânea do Norte Capixaba – Brasil**. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH-USP. São Paulo, 2002.

WÜST, I. Implicações teóricas e práticas da Análise Espacial Intra-Sítio no estudo das sociedades ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste Brasileiro. **Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, 2000.